



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2017 – ano XXIII – nº 67

O nobre propósito da Ciência

Poucas coisas são tão inspiradoras quanto a Ciência. Sou suspeita para falar: além da docência e da gestão escolar, tive parte significativa da vida profissional voltada à pesquisa, tendo complementado uma graduação em Química, pela Mackenzie, com um mestrado e um doutorado em Tecnologia Nuclear, pela Universidade de São Paulo, que levaram nove anos. Falo, portanto, como educadora e cientista. Mas quero acreditar que a ideia de alguém se dedicar à busca pelo conhecimento tenha beleza e apelo universais.

Mais do que compreender a realidade que nos cerca, fazer Ciência é querer mudá-la para melhor. Deixar-se guiar não pela vida como ela é, mas pelo que ela pode ser.

Falo isso para dividir meu entusiasmo e meu orgulho pela 3ª edição do **ConsCiência Sabin**, o Prêmio de Pré-Iniciação Científica que realizamos a cada dois anos com alunos do Ensino Médio, como parte da nossa Mostra Cultural. Ao ver a relação de projetos de pesquisa inscritos na competição deste ano – inscritos voluntariamente, ressalte-se, pois a participação não é obrigatória –, sinto que estamos inspirando nos alunos esse propósito nobre do fazer científico, que é o de identificar problemas no mundo e propor soluções.

Vejo, por exemplo, que teremos projetos sobre o uso de biodigestores para a produção de biogás, ou sobre a geração de energia renovável de baixo consumo, e sei que aí estão jovens conscientes de dois desafios centrais

da atualidade: a gestão de resíduos sólidos e a busca por fontes alternativas e limpas de energia. Vejo projetos que buscarão discutir representatividade em histórias em quadrinhos, poder midiático, *video games* como ferramentas de aprendizagem, e sinto que eu mesma tenho muito o que aprender com meus alunos. Que eu preciso ouvir o que essa geração tem a dizer sobre política, comunicação, tecnologia, conhecer o tanto que ela tem a contribuir.

Poderia citar qualquer dos outros projetos inscritos; tenho certeza de que os visitantes que virão ver os trabalhos apresentados, no dia 21 de outubro, concordarão comigo de que estamos diante de jovens críticos, inteligentes, inspiradores.

E sei que eles continuarão sendo tudo isso, mesmo que não sigam carreira científica no sentido estrito. Porque esta é a outra beleza da Ciência: a prática da pesquisa exercita competências de enorme importância para o indivíduo em todas as áreas da vida. A capacidade de questionar, formular perguntas, selecionar fontes confiáveis, elaborar hipóteses e verificá-las. A interpretação de dados. A capacidade de ser autônomo, mas também de trabalhar em grupo. A criatividade para pensar o que pode ser diferente. A perseverança para errar, aprender com o erro e começar de novo.

Mesmo que só por um período da vida, fazer Ciência transforma o indivíduo irreversivelmente. Falo por experiência. Como educadora e como cientista.



Áurea Bazzi
Coordenadora Pedagógica
do Ensino Médio
abazzi@albertsabin.com.br



Ler, viajar, aprender

Revista do Sabin,
2º trimestre
letivo 2017
ano XXIII – nº 67
Na capa:
Tatiana Melchert,
aluna do 6º ano B
do Fundamental II.

4+5



+ Conversa Paralela

Entrevista com Isabella Lubrano, jornalista e *booktuber*

6+7



+ Educação Infantil

Aprendendo a lidar com as próprias emoções desde pequenos

8+9



+ Fundamental I

A revisão como etapa essencial da produção de textos

10+11



+ Fundamental II

Viagens que ensinam (para quem se propõe a aprender)

12+13



+ Ensino Médio

O que a vida pessoal do professor tem a ver com a escola

14



+ Idiomas

Nas aulas de Inglês, o contato com grandes escritores

15



+ Esportes & Cultura

Aluna fala sobre sua dedicação a causas voluntárias

16



+ Encantamento

Professores lançam livros que são fruto de pesquisa acadêmica

17



+ Diagrama

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

O que a Música ganhou e perdeu com a tecnologia moderna

20



+ Criar Oportunidades

Grafite recupera o senso de comunidade de uma escola

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –

Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –

Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão

(Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:**

Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2

Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustrador convidado:** Osiel

Nascimento (pág. 14) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes

Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 2º trimestre letivo 2017.



Isabella Lubrano

Jornalista e *booktuber* do canal *Ler Antes de Morrer* (goo.gl/dpuWFN)

Para gostar de ler

FORMADA EM JORNALISMO, ISABELLA LUBRANO, 28 ANOS, QUERIA SE TORNAR REPÓRTER DE TV E, COMO DIZ, "CONTAR HISTÓRIAS POR MEIO DE IMAGENS". O SONHO FICOU PELO CAMINHO, MAS PASSOU LONGE DE VIRAR FRUSTRAÇÃO. EM VEZ DE TRABALHAR NUMA EMISSORA DE TV, ISABELLA TEM SEU PRÓPRIO CANAL. E NELE CONJUGOU O JORNALISMO COM SUA OUTRA GRANDE PAIXÃO: LITERATURA. *BOOKTUBER* DE SUCESSO, ELA ESTÁ À FRENTE DO *LER ANTES DE MORRER*, CANAL NO YOUTUBE DEDICADO A CLÁSSICOS DA LITERATURA QUE JÁ SOMA TRÊS ANOS E CERCA DE 124 MIL INSCRITOS. NELE, ISABELLA FAZ RESENHAS DE LIVROS, DISCUTE AUTORES E SUAS OBRAS E, PRINCIPALMENTE, DÁ ORIENTAÇÕES A QUEM ESTÁ A FIM DE MERGULHAR NO MUNDO DA LEITURA.

Como você se tornou leitora?

Graças, principalmente, ao estímulo da minha mãe e da minha avó, que sempre foram leitoras entusiasmadas. Minha casa sempre foi cheia de livros. Assim que minha mãe ouviu falar de *Harry Potter*, logo que chegou ao Brasil, ela correu para comprar e me apresentou. Ela sempre foi muito atenta à literatura que fazia sucesso entre crianças, para me estimular o tempo todo. Deu certo!

Qual o primeiro livro que lhe revelou o poder da leitura?

O primeiro que escolhi por conta própria, que me pegou, foi uma adaptação infantil de *Romen e Julieta*. Lembro de ter me emocionado no final. Era criança, não sabia que os dois morriam. Chorei muito, não imaginava que dava para ficar tão triste por causa de um livro. Foi muito marcante.

Todo tipo de leitura vale para criar o hábito de ler?

Qualquer tipo de leitura é positivo para criar o hábito. Porque leitura é concentração. Ninguém aprende a se concentrar do nada. É como fazer academia. No começo é horrível, você tem preguiça, fica dolorida depois do primeiro dia de exercício, corre cinco minutos e já quer parar. Com leitura é a mesma coisa. Conforme vamos criando musculatura, conseguimos mergulhar numa leitura densa por horas. Mas isso se cria aos poucos. Não existe outra maneira de criar hábito a não ser lendo livros legais, fáceis. Sou muito a favor de se ler *best-seller*, revista, gibi. O que me incomoda é ficar só nisso. Você tem de se desafiar, esforçar-se para ser um leitor um pouco melhor.

É difícil seduzir nativos digitais para a leitura?

Existem iniciativas que são superlouváveis. Editoras que fazem adaptações dos grandes clássicos para quadrinhos,

por exemplo, ou livros digitais nos quais você clica em um determinado trecho e assiste a um filme relacionado ao conteúdo. A tecnologia oferece possibilidades para tornar a leitura interessante. No entanto, não existe solução mágica. Leitura sempre vai ser um processo de concentração, necessita esforço. Podemos estimular, fazer as pessoas ficar curiosas; tento isso com meus vídeos. Mas a iniciativa de pegar um livro e arrumar tempo para ler tem de partir de cada um.

O Brasil, como se sabe, não é um país de leitores. Você teve receio de pegar ao vento?

No começo tive medo, sim. Não imaginava que meu canal pudesse se tornar sustentável. Mas, entre os 200 milhões de brasileiros, existem leitores. E leitores carentes de conteúdo de qualidade, principalmente na internet. O pouco conteúdo sobre literatura que existe você encontra nos jornais, nos suplementos culturais, que são pedantes, têm uma linguagem sídua, que afasta muita gente, principalmente jovens, que não leem mais jornal. Existe uma ou outra iniciativa na TV a cabo também, mas é só.

Qual a maior demanda do público que acessa o seu canal?

Existe uma carência de orientação. A leitura tem um momento mágico. É quando o leitor pega um livro e descobre que ler é bom. Depois disso, abre-se uma porta. Só que, a partir daí, na maioria das vezes, falta orientação. O que vou ler em seguida? Esse é um problema brasileiro. A gente tem uma educação terrível, um Estado que não estimula a cultura, não incentiva a leitura. Boa parte das cidades brasileiras não tem biblioteca, muito menos livraria. Existem inúmeros casos de jovens que gostam de ler, mas ninguém na família tem o hábito. Os amigos não leem e, o que é pior, reclamam de que eles leem muito, que não saem de casa. Ou seja, além de não existir estímulo, existe desestímulo. É esse público que acaba descobrindo o meu canal. Ali, o sujeito primeiro descobre que não está sozinho no mundo. E depois passa a receber indicações de leitura.

O nome de seu canal é baseado no título do livro *1.001 Livros para Ler Antes de Morrer*. Quantos livros você leu até o momento?

Na vida, não sei. No canal eu conto. Estamos em 141 [N.E.: até a terceira semana de agosto]. Nesse ritmo, levaremos uns 15 anos até chegar a 1.001 livros.

A pedido da Revista do Sabin, Isabella indica 10 obras que despertam o prazer de ler

- *Antes do Baile Verde*, Lygia Fagundes Telles
Nesse livro, estão reunidos 18 contos de uma das autoras mais admiradas da nossa literatura.
- *A Revolução dos Bichos*, George Orwell
Uma fábula sobre o poder, escrita por um dos autores mais influentes do século passado. Animais de uma granja se revoltam contra os donos do lugar.
- *Crônica de uma Morte Anunciada*, Gabriel García Márquez
O autor monta um fascinante quebra-cabeças de versões sobre o último dia de vida de Santiago Nasar.
- *Dois Irmãos*, Milton Hatoum
O romance narra a tumultuada relação de ódio entre dois irmãos gêmeos de uma família libanesa que vive em Manaus.
- *Enclausurado*, Ian McEwan
O narrador do livro é um feto, que, da barriga da mãe, escuta os planos dela e do amante – que é tio do bebê – para assassinar o marido.
- *Festa no Covil*, Juan Pablo Villalobos
O autor mostra as entranhas do narcotráfico mexicano do ponto de vista do filho de um chefe do cartel.
- *Incidente em Antares*, Érico Veríssimo
Numa sexta-feira 13, sete pessoas morrem em Antares. Como os coveiros estão em greve, os cadáveres insepultos perambulam pela cidade, expondo segredos de seus habitantes.
- *O Morro dos Ventos Uivantes*, Emily Brontë
A autora tinha apenas 29 anos quando publicou, sob pseudônimo, esse livro, que trata de uma paixão proibida. Um ano depois, morreria de tuberculose.
- *O Papel de Parede Amarelo*, Charlotte Perkins Gilman
Relato pungente sobre o processo de enlouquecimento de uma mulher devido à maneira infantilizada e machista como é tratada pela sociedade e família.
- *Persépolis*, Marjane Satrapi
Autobiografia em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi. Ela tinha dez anos quando a revolução xiita tomou o poder no Irã.

As indicações acima refletem a opinião da entrevistada; alguns títulos da lista trazem temática mais adulta.

Pedro Antunes, do Pré I do AB Sabin: em um jogo simples de dados, aprendizados ricos sobre sentimentos e relações humanas.



Sinto, logo aprendo

Como ajudar a criança a entender os próprios sentimentos e a lidar com eles de forma construtiva.

A professora Kátia Pelinson tem uma situação delicada à sua frente. Na sala de aula do Pré I do AB Sabin, alunos jogam a Corrida das Fichas. É um jogo simples: num tabuleiro, cada jogador tem uma trilha de casas a preencher com fichas coloridas; um por vez, lançam o dado, para saber quantas casas podem preencher; ganha quem primeiro completar sua trilha. Kátia percorre a sala de olho nas partidas, que se desenrolam nas diversas mesas, quando um princípio de conflito lhe chama a atenção. “Agora sou eu!”, protesta um aluno. A professora vê o que se passa e, cuidadosamente, escolhe as palavras para mediar a situação.

“Gabi, o Fábio está entendendo que você está jogando o dado muitas vezes”, diz Kátia. Um observador atento notaria que ela não repreende diretamente a aluna, nem lhe ordena que passe o dado ao colega. Ela sequer determinou que ele estava com a razão: o Fábio está entendendo que. A professora não quer tomar a decisão pela aluna; ela quer que a aluna perceba o que tem de fazer. Que Gabi entenda que deve dar a vez para Fábio jogar.

A cena é exemplar de como Kátia e demais professoras do AB Sabin e do Sabin lidam com crianças dessa faixa etária, que mal começaram a conhecer suas próprias emoções

e a entender como elas se manifestam na vida em sociedade. Ante a frustração de uma derrota, ou a raiva de um colega que não passa o dado, ou a falta de paciência para esperar a sua vez, o aluno receberá da professora não a solução de um problema, mas uma mediação. Uma criança empurra outra como revide de algo que lhe desagradou? “Eu entendi que você não gostou do que o colega fez, mas não precisa empurrar; fale para ele do que você não gostou”. Um aluno chora porque o outro não o escolheu para o time e, portanto, não são mais amigos? “Ele disse que não era seu amigo? Vamos conversar para ver se é isso mesmo?” O trabalho, diz a professora, envolve apresentar estratégias de negociação – com o outro, com os próprios sentimentos – que, no futuro, os alunos terão em seu repertório.

“A qualidade da intervenção está em fazer o aluno perceber suas emoções e ensiná-lo a lidar com elas de forma construtiva”, diz Kátia, que tem um mestrado em Psicologia da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sobre a dimensão afetiva do processo ensino-aprendizagem. Em outras palavras, sobre educação emocional. “Habilidades emocionais são as que possibilitam um relacionamento saudável entre as

pessoas, tendo como base uma boa administração da dinâmica emocional”, diz a professora.

Para um educador, o crucial é que tais habilidades não são inatas ou imutáveis: ninguém nasce disciplinado, autoconfiante, cooperativo ou paciente, por exemplo; tampouco se pode dizer que alguém é de um jeito e sempre será. É possível aprender tais habilidades, praticá-las, aperfeiçoá-las, embora seja mais fácil adquiri-las na primeira infância. Por isso, professoras de pré-escola têm tantas oportunidades – e tamanha responsabilidade – de agir.

“Toda a rotina do trabalho da Educação Infantil tem como base a convivência em grupo”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica do segmento no Sabin.

“Aprender a conviver é aprender a cooperar, a controlar impulsos, a esperar a hora de falar, a participar das brincadeiras, a respeitar os colegas. Mas isso não é só na sala de aula; é no intervalo, na hora do lanche, o tempo inteiro”.

Até porque não se trata de aprendizado simples, conceito que se ensina em poucas aulas. Reconhecer emoções, entendê-las e administrá-las é um processo que demanda maturação intelectual e neurológica da criança, a começar pela exploração do próprio corpo.

No projeto Mil e Uma Sensações, do Maternal, meninos e meninas de 2 a 3 anos experimentam tocar materiais de texturas e temperaturas diversas, como bolinhas de gel, areia, tinta, papel bolha. Entre outros objetivos, o projeto os estimula a dizer o que sentem ao tocar superfícies ásperas ou lisas, quentes ou frias. Parece simples, mas, ao verbalizar prazer ou desconforto, eles exercitam o repertório não apenas linguístico, mas sensorial. É um

primeiro passo de uma trilha que avança para a identificação de sentimentos – quando a criança já reconhece expressões de felicidade, tristeza ou raiva, por exemplo – e para a constatação essencial de que ela não é a única que sente; seus colegas sentem também.

Segundo Dionéia, alunos dessa faixa etária ainda são, fundamentalmente, egocêntricos. “Ainda é tudo muito elementar: *eu* quero, *eu* não quero”, diz. Até aprenderem que querer não é poder e que a vida em sociedade exige autocontrole e discernimento para, inclusive, reprimir vontades, vai um longo caminho, no qual a escola e a família são parceiros necessários.

“A participação da família é superimportante”, diz Kátia Pelinson, citando situações cotidianas em que a

postura dos pais pode ser tão valiosa quanto uma lição na escola. “Quando a criança grita para interromper a conversa do pai, é preciso dizer: ‘Espere o papai terminar de falar’. Quando a mãe vai resolver uma questão no banco e a criança pede para passar na loja de brinquedo, é preciso dizer: ‘Hoje não, a gente só vai ao banco’”. Outra dica de Kátia diz respeito aos jogos: “Joguem com seus filhos, mas de verdade, sem deixá-los ganhar toda vez”. A professora sabe que, por mais difícil que possa parecer, as crianças são capazes de lidar com suas frustrações diante de um jogo.

É só ver a Gabi e o Fábio, do AB Sabin, que, minutos depois da Corrida das Fichas, estavam se dando muito bem na sessão de fotos para esta matéria.

Caras e bocas: Gabriela Marinari e Fábio Gabriel de Menezes, do Pré I do AB Sabin, brincam de simular emoções.



Lapidando a palavra

Ao revisar o próprio texto com critérios claros e objetivos, alunos tornam-se escritores melhores.

Sentadas lado a lado, as alunas retiram os marca-textos do estojo. Escolhem os de cor amarela. Começam a ler um parágrafo sobre a Lua, marcando os erros de ortografia que conseguem identificar: o “t” que deveria ser maiúsculo em “planeta terra”, o acento agudo que faltou em “água”, o ponto final ausente entre uma frase e outra. Há outros problemas no texto, como duas frases que se contradizem ou a repetição do sujeito “A Lua” em todas as orações, mas por ora a dupla se detém apenas no que a gramática determina ser errado. As revisões de conteúdo e estilo virão depois, com marca-textos de outras cores.

O método faz parte da sequência didática que o Sabín tem adotado, desde 2016, para a produção de textos dos alunos de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, que tem gerado avanços significativos na qualidade do que eles estão escrevendo, com reflexo nas séries seguintes. Em resumo, essa abordagem reforça nos alunos o hábito de revisar os próprios textos e oferece uma metodologia objetiva e sistemática para isso, além de tomar como central o conceito de que um bom texto não nasce pronto; é fruto de várias versões. “Revisar e corrigir sucessivas vezes um mesmo texto, aprimorando-o constantemente, é mais produtivo do que produzir muitos textos e revisá-los uma vez só cada um”, diz a assessora de Língua Portuguesa Karla Ramos.

Nessa proposta de trabalho, um único parágrafo de poucas linhas ocupa uma classe por algumas aulas. O que importa, explica Karla, é a qualidade da reflexão e do trabalho com o texto, não a velocidade.

O processo todo começa com um tema. No primeiro trimestre deste ano, para as turmas do 5º ano, por exemplo, o tema foi a Lua. Como mote inicial, a professora pergunta à classe: “O que vocês sabem sobre a Lua?”

À medida que a classe responde, a professora registra na lousa termos-chave que vão sendo citados: satélite, Terra, Sistema Solar, luz própria, crateras, gravidade. A tarefa seguinte consiste em cada aluno escrever um pequeno

texto com os termos registrados. Em seguida, a professora seleciona um dos textos para trabalhar coletivamente. Sem revelar a autoria – o objetivo não é expor ninguém –, ela o projeta na lousa para que todos vejam e distribui cópias impressas. “Esse texto está bom? Será que podemos melhorá-lo? Como?”

É aí que entram os marcadores. Utilizando um sistema de cores para identificar os problemas do texto por critérios estabelecidos em uma grade de correção (*ver quadro*), os alunos começam a revisar o que deve ser corrigido ou aprimorado. É uma etapa que demanda tempo. “Na aula passada, vimos que, mesmo com as correções de ortografia, pontuação, letra maiúscula e acentuação, o texto ainda tinha problemas”, diz a professora. “Observamos que devemos nos preocupar também com palavras adequadas ou inadequadas, repetições, redundâncias”.

E assim eles avançam, orientados pela professora. Segundo Karla Ramos, uma grande vantagem desse trabalho é deixar claro tudo o que faz um bom texto. “Para os alunos, é importante a percepção de que, quando a professora corrige o seu texto, ela o faz objetivamente. Eles passam a entender o cerne dos seus problemas: o que é pedido, o que entregam e como podem melhorar”, diz a assessora. “Para a professora, isso ajuda a identificar as facilidades e dificuldades de cada aluno”.

Finalizada essa primeira etapa, a sequência didática ainda termina com a produção de um novo texto individual, dessa vez após leitura e pesquisa mais aprofundadas sobre o tema. A evolução já se nota aqui e permanece mais adiante. “Estamos no segundo ano dessa metodologia e já podemos afirmar que a qualidade da produção de textos dos alunos de 6º ano tem se mostrado superior”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental I.

Para Dionéia, essa proposta de atuação serviu, ainda, para dar mais consistência ao trabalho das professoras regentes. “A implantação dessa nova dinâmica tem sido orientada pela Denise Masson, nossa assessora de Língua



Bianca Arienti Gutierrez e Livia Arantes Formigon, do 5º ano E: olho vivo para as imperfeições do texto.

Portuguesa para o Fundamental II e Médio, que tem conhecimento especializado na didática da Língua Portuguesa e pôde contribuir muito com a nossa equipe”, diz. Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela USP, Denise realiza encontros mensais de formação com as professoras do Fundamental I desde 2015, com foco específico em produção de textos.

“O interessante é que, no geral, os alunos demonstravam conhecer as regras. Nas avaliações, eles iam bem”, diz Dionéia. “Mas, ao produzir textos, nem sempre eles transpunham os conhecimentos linguísticos para a escrita”. Daí por que a nova proposta do ciclo intensifica o exercício das habilidades envolvidas na produção textual, incluída aí a prática da revisão do próprio texto.

“Outra mudança que temos adotado nesse sentido, para todas as séries desde o 2º ano do Fundamental, é que passamos a incentivar os alunos a responder às avaliações com orações completas, recuperando o conteúdo das questões”, diz a coordenadora. Se a questão pede para identificar os personagens de uma fábula, por exemplo, os alunos do 2º ano são orientados a escrever “Os personagens da fábula são a lebre e a tartaruga”, e não apenas “lebre” e “tartaruga”. Uma mudança sutil, mas importante para ensinar os alunos a sempre pensar o que registram no papel não como palavras soltas, mas como unidades de sentido.

MARCAS DE UM BOM TEXTO

Essencial para quem quer escrever bem, a revisão do próprio texto é uma habilidade que o 4º e o 5º anos vêm trabalhando bastante, munidos de marcadores e de um sistema de cores que identifica os tipos de problemas encontrados.

Amarelo: Gramática e apresentação

Ortografia, uso de maiúscula, acentuação, pontuação, concordância, recuo de parágrafos, alinhamento.

Azul: Estilo

Marcas de oralidade, repetição de palavras, termos inadequados (gírias, p. ex.).

Rosa: Trecho confuso

Ideias desconexas, imprecisões e incoerências.

A Lua é um satélite natural da terra e está localizado no Sistema Solar. A Lua não tem nada na sua superfície, tem crateras, vales e montanhas. A Lua não tem luz própria não tem água nem oxigênio. A Lua não é habitada Ela é menor do que a Terra.

Olhar de viajante

De sítios arqueológicos a *resorts* ecoturísticos, toda viagem ensina a quem busca conhecimento.

“Grande é a diferença entre o turista e o viajante”, escreveu Cecília Meireles, em uma de suas *Crônicas de Viagem*. Segundo a autora, o turista seria alguém “que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas”. Já o viajante desejaria algo mais profundo: “morar em cada coisa, descer à origem de tudo”. O turista compraria sensações agradáveis e experiências confortáveis. O viajante buscaria descobrir “um mundo histórico, filosófico, religioso e poético em palavras aparentemente banais” de um novo idioma, nas “pedras mais toscas” de um novo lugar; em um pedaço de coluna, em uma porta, em uma pintura. Viajar, para Cecília, era aprender.

No primeiro semestre de 2017, alunos do Fundamental II do Sabin tornaram-se viajantes. Primeiro, em março, um grupo de 7º ano passou três dias e duas noites no acampamento Peraltas, na cidade de Brotas, a 235 km da capital. Em maio, foi a vez do 8º ano descer a Serra do Mar, começando com uma visita a Paranapiacaba e seguindo serra abaixo até Santos. E, entre o fim de maio e início de junho, alunos do 6º ano foram às cidades de Itu, Salto e Porto Feliz, no interior do Estado. Não foram a passeio.

Em comum, as saídas pedagógicas do Sabin sempre visaram despertar nos alunos o olhar interessado a que Cecília Meireles se referia em sua crônica. Mas, como explica

Denise Masson, assessora de Língua Portuguesa e uma das responsáveis por elaborar os projetos interdisciplinares resultantes das viagens, neste ano o Colégio teve mais uma razão para enfatizar o aspecto pedagógico das saídas. “A Unesco propôs que 2017 fosse o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento”, diz Denise. “Enxergamos na proposta a possibilidade de refletir sobre o ato de viajar em si, no tempo e no espaço”.

O conceito de turismo sustentável, afinal, remete a valores como o respeito do viajante pelo meio e pela cultura locais, a conservação do patrimônio – histórico, arquitetônico, artístico, natural – e a ideia de que todo novo lugar aonde se vai tem algo a ensinar: sobre quem lá vive e sobre nós mesmos. “Viajar é sentir-se conectado à humanidade”, diz Denise. “É entender um pouco mais sobre quem éramos, quem somos hoje e como somos definidos pela relação do homem com o meio”. Foi o que os alunos do Fundamental II aprenderam.

De rochas formadas há centenas de milhões de anos ao lixo jogado nos dias de hoje nas águas do Rio Tietê, a viagem do 6º ano ao interior de São Paulo atravessou eras. Como nas saídas pedagógicas das demais séries, tratava-se de projeto interdisciplinar. Se para as aulas de Ciências e Matemática os alunos elaboraram estudos sobre impactos do lixo no rio e estatísticas de coleta e reciclagem,

em Geografia e História eles refletiram sobre o potencial turístico de uma região que conta com belezas naturais e dois importantes sítios geológicos, o Parque do Varvito, em Itu, e o Parque da Rocha Moutonnée, em Salto, ambos tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Para Maria Isabel (Bel) Fragoso, professora e assessora de História, a viagem revelou como a atividade turística precisa levar em conta o valor de cada rio, parque, praça – e de cada memória. “Conhecer para conservar”, diz a assessora, envolve não apenas ter uma atitude mais consciente como visitante, mas também respeitar o saber local. “Foi muito bonito ver os alunos entrevistando as pessoas, na praça no centro de Itu, sobre o passado da cidade; eles souberam ouvir”, diz Bel, referindo-se às investigações da turma sobre as águas outrora limpas do Tietê, ou sobre a antiga pedreira onde fica o maior varvito (tipo de rocha sedimentar em lâminas ou camadas) da América do Sul.

Da mesma forma, o grupo do 7º ano, que foi a Brotas, também foi com ouvidos atentos. Voltado ao ecoturismo, com trilhas, cachoeiras e arborismo, o acampamento Peraltas se presta naturalmente a lições ambientais. Mas o tipo de perguntas que a turma fez aos responsáveis pelo lugar dá ideia do nível de aprofundamento do estudo. Perguntas como: A arquitetura é sustentável, usa materiais ecologicamente corretos? É feita a coleta seletiva do lixo? As lâmpadas são de LED? Os alimentos utilizados pela cozinha provêm da região? Os funcionários são contratados entre a população local? Se uma coisa ficou clara para todos foi que diversão e consciência socioambiental não são opostas.

A saída do 8º ano a Santos e a Paranapiacaba, por sua vez, revelou aos alunos muito mais do que o típico “bate e

volta” ao litoral. O olhar dos viajantes estava voltado para o que as cidades ensinam sobre o passado e o presente, como se mirassem um espelho do tempo. Porto de Santos, Museu do Café, Estação Ferroviária; séculos de história em pedras, colunas e portas para quem souber ver.

“É uma cidade onde compreendemos um pouco mais sobre o nosso país: podemos vivenciar momentos históricos importantes, ver a economia e a herança linguística deixada por imigrantes e indígenas nos nomes dos lugares”, diz Luiza Pena, aluna do 8º C, sobre Santos. “Os alunos se encantaram; eles puderam imaginar como os fatos históricos estudados em sala realmente aconteceram”, diz a professora de Português Juliana Jurisberg de Oliveira, ressaltando o impacto da turma ao sentir concretamente como o café já fora o pilar da economia nacional, ou ao perceber a ideologia da sociedade cafeeira, representada nos vitrais da antiga Bolsa do Café, em símbolos de prosperidade e poder. “Outros alunos mostraram-se admirados ao perceber como a tecnologia da época – como o sistema ferroviário – afetava a vida diária da população”.

Viajantes exemplares – e não turistas –, os alunos do 6º, do 7º e do 8º anos prepararam-se, agora, para compartilhar todo o aprendizado adquirido nas saídas pedagógicas. Em outubro, na Mostra Cultural, eles apresentarão crônicas de viagens, releituras de obras de arte, revistas eletrônicas, telejornais com entrevistas ao longo dos séculos (baronessas do café lamentando as charretes atoladas na lama e aguardando ansiosas pela estrada de ferro, imigrantes italianos sonhando com melhores condições de vida, operários de fábrica reivindicando salários, etc.) e até estátuas vivas de figuras históricas (jesuítas, bandeirantes, imigrantes, etc.), entre outros projetos. Cecília Meireles ficaria orgulhosa.



Em Itu, o maior varvito (tipo de rocha) da América do Sul conta uma história de centenas de milhões de anos.



Entre trilhas e estações de tratamento de efluentes do Acampamento Peraltas: diversão e consciência socioambiental.



No Museu do Café, em Santos, os vitrais não são apenas decorativos, eles também ensinam.



A vida (do professor) como ela é

Relações mais próximas entre professor e aluno podem trazer efeitos positivos em sala de aula e ter algo a ensinar.

Rubens Pimenta gosta de correr. Costuma treinar quatro vezes por semana: três treinos-padrão de uma hora e meia, à noite, e, na manhã de sábado, um treino mais pesado, de longa distância. Já consegue correr 30 quilômetros, quer chegar a 42 – uma maratona. Está se preparando para participar de sua primeira, em Buenos Aires, no dia 15 de outubro. Dia do Professor.

Sérgio Ricardo Andrielli também percorre longas distâncias, mas com menos pressa. Partindo de sua casa, no bairro da Aclimação, chega a passar cinco horas caminhando pelas ruas da cidade, sem destino certo. Seu interesse é tanto a atividade física quanto a contemplação do cenário urbano à sua volta, hábito condizente com um professor de Filosofia.

Quando não está dando ou preparando aulas de Química, Rachele Hanania gosta de cozinhar. Caroline Ribas tem uma banda de *rock*, canta e toca bateria. Marcelo Resende pratica aquarismo. Jackson Neo fabrica bonecos de *biscuit*.

Professores do Ensino Médio do Sabin, todos eles, Rubens, Sérgio, Rachele, Caroline, Marcelo e Jackson não fazem segredo sobre *hobbies* e interesses particulares para colegas ou alunos. Não que precisassem fazê-lo. Pelo contrário: segundo eles, o contato do aluno com os interesses do professor pode trazer efeitos positivos para o relacionamento em sala de aula, além de possibilitar trocas ricas de ideias, sentimentos e valores – o que também é fundamentalmente educativo.

“Desde que não seja em excesso, a proximidade entre professor e aluno ajuda muito”, diz Rachele Hanania, que

define a medida ideal desse relacionamento como quem ensina uma fórmula química, ou uma receita de bolo. “O vínculo demasiado pode levar à perda de limites claros, e ainda há uma hierarquia que precisa ser respeitada. Por outro lado, sem vínculo nenhum, você não toca o coração, e precisa tocar para que o aluno fixe o que você quer passar”, diz a professora e assessora de Química.

Uma aula de cálculo estequiométrico, que é a investigação da proporção entre elementos químicos de um composto, por exemplo, poderia ter um caráter puramente matemático, frio, racional. Mas Rachele gosta de cozinhar, e seus alunos sabem disso. Sua aula não poderia ser diferente: “Eu puxo pelo assunto para mostrar como a proporção certa interfere na vida prática. É como fazer um bolo: para duas xícaras de farinha, duas xícaras de açúcar”.

Assim como Rachele, a professora de Física Caroline Ribas também aproveita suas atividades paralelas para engajar alunos. “Nas aulas de acústica, levo instrumentos, mostro vídeos meus, brinco com eles: ‘Essa é a parte que mais entendo de Física’”, diz Caroline, que é vocalista da banda Radiometria, que compõe com seu marido e um casal de amigos. Cantora e baterista profissional, ela traz tatuada no pulso uma clave de sol no centro de um átomo, representando suas duas paixões: a Ciência e a Música. “Razão e emoção”, define a professora, cuja jovialidade deixa alunos à vontade tanto para buscar conselhos sobre música como sobre estágios profissionais.

Os alunos de Marcelo Resende, professor de Química, talvez não o conheçam tão bem – ele comenta pouco sobre si e não usa redes sociais –, mas também ele vê o lado positivo da questão. “Em geral, se a relação fica mais humanizada, fica mais respeitosa”, diz. Ouvi-lo falar de seus *hobbies*, além disso, revela outra forma pela qual um professor pode ensinar seus alunos: pelo exemplo.

Praticante do aquarismo, Marcelo é um autodidata. Buscou todas as informações sobre aquários em fóruns na internet, aprendeu o que fazer, foi lá e fez: os aquários, os móveis dos aquários, os filtros. Construiu-os com as pró-

prias mãos. Hoje, tem aquários que chegam a 400 litros de água, com espécies exóticas encontradas apenas em lagos africanos, cardumes de “incontáveis” peixes. Mais recentemente, tem se dedicado a outro *hobby* sobre o qual também teve de aprender quase tudo em *sites* e fóruns especializados: a produção de cervejas artesanais. E é claro que não comprou os equipamentos, quando descobriu que poderia fabricá-los. “Sempre gostei de pôr a mão na massa”.

Assessor e professor de Física, Jackson Neo diria o mesmo. Sua massa, no caso, é o *biscuit*. Pelo tamanho dos bonecos que fabrica, não dá para perceber, mas cada um leva meses para ficar pronto. O segredo está nos detalhes: nas mãos do personagem Sonic, dos *video games*, cada dedo é moldado solto, para só depois unirem-se em um sinal de positivo. A mesma coisa com o Fuleco, mascote da Copa de 2014: na carapaça do tatu, cada placa hexagonal foi feita separadamente. “Eu poderia riscar as divisões com um palito, mas perderia o realismo”, diz o professor, que faz um paralelo entre seu *hobby* e o aprendizado de seus alunos. “Sempre digo a eles: nada se aprende rápido. É preciso tempo, paciência e dedicação”.

Rubens Pimenta é outro que entende de dedicação. Perguntado se conseguia conciliar os treinos de corrida com a rotina de professor de Biologia, não hesita: “Tenho de conseguir”. Pelo compromisso com suas metas, traça planos e planilhas, suporta dores e tremores nas pernas, compartilhando com seus contatos nas redes sociais – entre eles, alunos – a sua evolução. “Tudo é questão de esforço: estou me preparando para correr 42 quilômetros, mas comecei correndo apenas cinco”, diz Rubens.

Já o professor de Filosofia e História Sérgio Ricardo Andrielli gostaria de inspirar seus alunos com outro tipo de exem-

plo. “Vim do interior, de Leme. Fui boia-fria e operário de fábrica de sabão. Sou filho de pais analfabetos”, diz Sérgio. “Faço questão de contar minha história para mostrar como só a Educação foi capaz de romper o ciclo em que eu vivia”. A Educação e a cidade, que o professor também associa à liberdade – de vida, de pensamento, de perspectiva. Caminhar por São Paulo, para ele, é ser lembrado o tempo inteiro do que o mundo tem a ensinar: dos rios que correm sob as ruas paulistanas à diversidade humana que vive sobre elas. “A cidade me abriu as portas”, diz o professor, que, em sala de aula ou em conversas pessoais, busca fazer o mesmo para seus alunos.

► Caroline Ribas: “Quando os alunos conhecem nossa vida fora do Colégio, eles sentem abertura para dividir dificuldades conosco”.



▼ Rubens Pimenta e o ensino pelo exemplo: “Vou correr 42 quilômetros, mas comecei correndo cinco”.



▲ Os aquários do professor Marcelo e os bonecos do professor Jackson: o prazer de pôr a mão na massa.



► Rachele Hanania: respeito pela professora não impede demonstrações de carinho. “Recebo potes de Nutella de presente para minhas filhas”.





Mais perto dos grandes

Como o contato com a versão original de obras literárias enriquece o programa de Inglês.

Em Nova York, um casal passeia em um domingo de sol quando, ao cruzar a rua, a esposa nota o marido olhar para uma moça bonita. “Cuidado, você vai quebrar o pescoço”, provoca ela. É o início de uma conversa que pode pôr o casamento a perder.

A princípio, o conto *The Girls in Their Summer Dresses* (“As Garotas em seus Vestidos de Verão”) traz um enredo banal. Sua leitura, no entanto, é tudo, menos desinteressante. Trata-se, afinal, de uma obra do americano Irwin Shaw (1913–1984), que, como todo grande escritor, sabia imprimir, mesmo em situações e diálogos prosaicos, nuances da personalidade de seus personagens e significados ocultos por trás de palavras inocentes. Um resumo não faria jus ao seu conto. E é por isso que os alunos da turma de FCE 2 do Sabin o leem no original.

Até 2016, apenas as turmas dos estágios *Advanced* liam obras de literatura na versão original; antes disso, o Departamento de Inglês adotava livros em versões resumidas (*abridged*) ou adaptadas para o público infantojuvenil. Este ano, porém, em resposta à demanda dos próprios alunos, obras de mestres como Shaw, Somerset Maugham, Oscar Wilde e Edgar Allan Poe já estão sendo apresentadas na íntegra a jovens leitores das turmas de FCE 1 a 3, alguns ainda no 9º ano do Ensino Fundamental. “Eles mesmos pediram, porque reconheceram que podiam perder algumas sutilezas e elementos de estilo, como ironias, trocadilhos e metáforas”, diz a professora Luzia Araújo.

Além disso, o Departamento deixou de incluir questões relacionadas a essas obras nas avaliações de Inglês, já que, segundo a professora Thaís Mistrello, “já não precisávamos fazer a verificação da leitura, porque eles liam; e isso é ótimo, porque queremos promover o prazer da leitura, não o dever da leitura”. Mais uma razão, portanto, para trabalhar com os textos originais dos grandes escritores.

Em vez de questões na prova, assim, as professoras investiram mais em atividades complementares à leitura, como a pesquisa sobre os autores, a criação de finais alternativos ou a apresentação de peças inspiradas nas obras. Após lerem o clássico *The Lottery Ticket* (“O Bilhete da Loteria”), de Chekhov, por exemplo, alguns alunos de Thaís no FCE 1 pesquisaram sobre a vida do autor russo (1860–1904); outros, sobre o papel social da mulher na época em que o conto foi escrito – elemento crucial de um enredo em que, ao fantasiar com uma fortuna, marido e esposa passam da esperança à ganância e ao ressentimento um pelo outro. Ainda um terceiro grupo de alunos encenou a história nos tempos atuais.

“Isso torna a leitura muito mais rica, porque toda literatura tem um contexto histórico e social”, diz Luzia. Para além de compreender vocabulário, diz ela, ler grandes obras envolve refletir, interpretar e relacionar o que está escrito com a visão de mundo de cada um. “Ler dessa forma abre novos significados para eles”.

Fora da bolha

Aluna fala sobre viagem à África do Sul e sua dedicação a causas voluntárias.

Sawubona, ngubani igama lakho? e Igama lami ngu... querem dizer, respectivamente, “Oi, qual é o seu nome?” e “Meu nome é...”, na língua zulu. Essas eram as duas únicas frases que Giovana Valente, estudante da 3ª série do Ensino Médio do Sabin, conhecia do idioma falado por um dos maiores grupos étnicos que habitam o sul do continente africano. A princípio, parecia bem pouco para quem iria passar alguns dias trabalhando com crianças carentes em Durban, na África do Sul, no início de julho. Mas, quando se trata dos pequenos, como imaginava Giovana, a língua não é uma barreira. “Logo no meu primeiro dia com as crianças, a Neli, uma menina zulu, aproximou-se e não disse nada. Simplesmente me abraçou e ficou o resto dos dias junto comigo. Não conversamos nenhuma vez, mas nos entendemos perfeitamente”, lembra Giovana.

Para quem conhece a jovem, a viagem à África não deveria surpreender. Participante do Grupo de Voluntariado do Programa Sabin+Esportes&Cultura há três anos, Giovana sempre tomou parte em ações beneficentes. No momento, inclusive, colabora por conta própria com uma ONG próxima de sua casa, onde dá aulas de inglês.

Pouco antes das férias de julho, graças a contatos familiares, ficou sabendo do Urban Ignition, um festival religioso que acontece em Durban e que, entre outras atividades, promove iniciativas em benefício da população carente local. Apesar de não ser religiosa, Giovana se interessou por trabalhar junto às crianças de uma instituição apoiada pelo festival, a Summerhill House. Misto de escola e centro de convivência, a Summerhill realiza atividades no contraturno escolar, a fim de tirar das ruas crianças em situação de vulnerabilidade.

Neli foi uma das crianças com as quais Giovana conviveu intensamente

nos quatro dias que passou em Summerhill. O fato de ter estabelecido com elas um vínculo afetivo quase instantâneo, a despeito da língua, fortaleceu em Giovana algumas convicções. “Crianças, pelo menos até os cinco anos, são muito parecidas, seja no Brasil, seja na África”, diz. “E, quando nascemos, somos de fato iguais, não importa o lugar de onde viemos ou a cor da pele. Mas, conforme crescemos e vamos sendo influenciados pela sociedade, acabamos repudiando essa ideia de igualdade”.

Outra constatação – e essa surpreendeu a aluna – foi descobrir que sua experiência causou comoção. “Algumas pessoas me viram como uma espécie de salvadora por ter ido à África trabalhar com crianças. Faço a mesma coisa por aqui há anos, mas parece que passa despercebido”, reflete. Talvez essa percepção fosse diferente se, como defende Giovana, ações voluntárias fizessem parte do cotidiano de todos que podem oferecer ajuda. “Sou privilegiada, tive sorte de nascer dentro de uma bolha. Mas é preciso sair dela e ajudar quem está fora”, diz. Na África ou em qualquer lugar.



Giovana Valente, da 3ª série do Ensino Médio, junto a crianças de uma comunidade carente em Durban, na África do Sul.

O valor da pesquisa

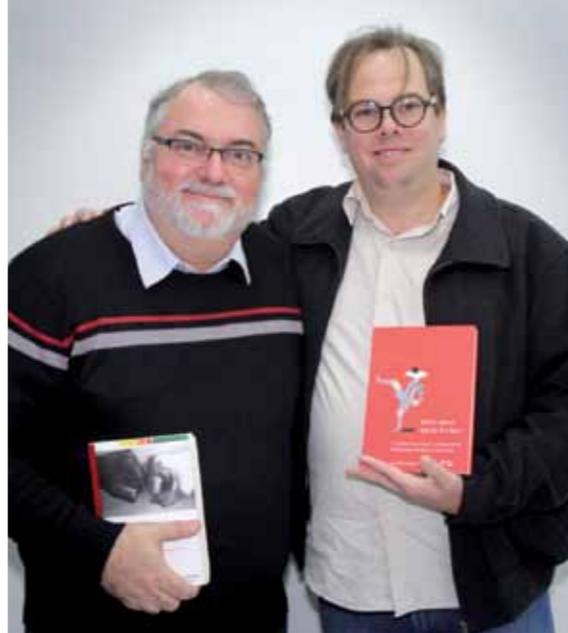
Professores lançam livros que ilustram o valor da pesquisa acadêmica.

Há generosidade na realização de uma pesquisa acadêmica. Pesquisadores buscam algo que, assim creem, contribuirá com o mundo. Uma nova máquina, um novo modelo de organização de processos, um novo ponto de vista. Neste ano, os professores João Paulo Streapco e Tércio Paparoto publicaram livros que são ampliações de suas dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente. Fruto de interesses particulares de seus autores, ambos oferecem reflexões de valor até para quem não compartilha da mesma afinidade pelos temas, com olhares que ultrapassam seus objetos de pesquisa. “É uma maneira de materializar e socializar o conhecimento”, diz Tércio.

Professor de História, João Paulo é autor de *Cego é Aquele que Só Vê a Bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. Como indica o título – inspirado em frase do cronista Nelson Rodrigues, para quem até uma pelada seria de uma “complexidade shakespeariana” –, João Paulo subscreve à tese de que há bem mais no futebol do que o jogo em si.

O autor enxerga no futebol um vetor de transmissão de saberes e valores, especialmente numa São Paulo que, no início do século XX, crescia aceleradamente. O aparecimento de comunidades em torno do esporte (clubes e torcidas, atletas e dirigentes, jogadores profissionais e de várzea) servia a uma população de imigrantes que havia perdido seus referenciais identitários tradicionais e precisava de novas identidades. Ainda que essas identidades não fossem de todo verdadeiras.

Ele nota, por exemplo, que, embora os três maiores times paulistanos tenham origens semelhantes, o São Paulo teria cristalizado uma identidade vinculada à ideia de time da elite; o Palmeiras, à ascendência italiana; e o Corinthians, à de time dos pobres. Outros mitos apontados pelo professor seriam o de um esporte elitizado a princípio ou o de que a violência no futebol só apareceria com as torcidas



Os professores Tércio e João Paulo, com seus livros recém-publicados: frutos da pesquisa acadêmica.

organizadas. Como e por que se deu a construção ideológica de tais discursos é a contribuição de João Paulo, que revela interesses de controle econômico, social e político por trás de “tradições inventadas”.

Já o professor de Língua Portuguesa e Literatura Tércio Paparoto dedicou-se à obra do poeta angolano António Cardoso (1933–2006) em *A Lição de Coisas de António Cardoso: uma poética para além da prisão*. Também ele foi além das leituras tradicionais que se fazem do seu objeto.

Ao lado do já bastante estudado engajamento político de Cardoso – que militou pela independência de Angola e foi preso pelo regime português de 1961 a 1974 –, Tércio ressalta a “sensibilidade de um lirismo intenso e valioso” do poeta, focando-se em marcas de construção estético-formais, as quais, regra geral, em literaturas engajadas, “muitas vezes passam despercebidas, quando não ignoradas”.

Também aqui a pesquisa guarda valor até mesmo para quem não se interessa diretamente pelo poeta, ou por literatura africana. Ao dedicar parágrafos inteiros a investigar por que Cardoso usa uma expressão no plural ou conclui um verso com reticências, em um poema de poucas linhas, Tércio ilustra o poder da linguagem. “Quanto menos versos [tem] um poema, maior sua complexidade”, escreve ele, já que a síntese nasceria da “concentração de significações”. Seu didatismo vem tanto de seu ofício quanto de uma crença no potencial da poesia: “Quando o jovem começa a escrever – os primeiros momentos de descoberta do lirismo amoroso –, ele tende a ir para a poesia. Isso mostra até uma possibilidade pedagógica do gênero”, diz Tércio.

ATLETAS DO CONHECIMENTO

Para eles, o jogo não é no campo ou na quadra, mas na própria mente. Manejando números e conceitos com a competência de craques, alunos se destacam em Olimpíadas Acadêmicas estaduais, nacionais e até internacionais há muito tempo.

Principais Olimpíadas Acadêmicas de que os alunos do Sabin participam

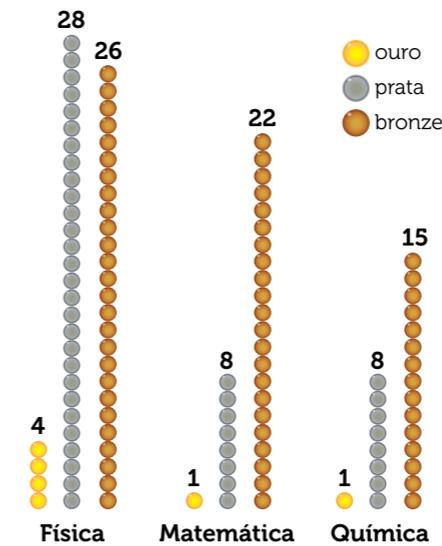
Embora os alunos do Sabin participem de mais de uma dezena de competições acadêmicas todos os anos, estas olimpíadas são as mais tradicionais. Além de ajudar os competidores com módulos preparatórios específicos para cada disciplina, o Sabin recompensa alunos medalhistas com bolsas de estudos.

- Olimpíada Brasileira de Física (OBF)
- Olimpíada Paulista de Física (OPF)
- Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)
- Olimpíada Paulista de Matemática (OPM)
- Olimpíada Brasileira de Química (OBQ)
- Olimpíada Brasileira de Química Júnior (OBQJr)
- Olimpíada de Química do Estado de São Paulo (OPQ)

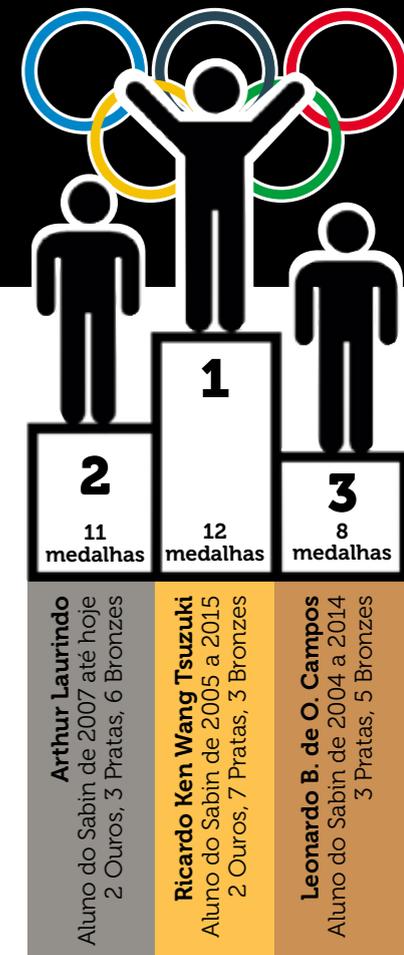
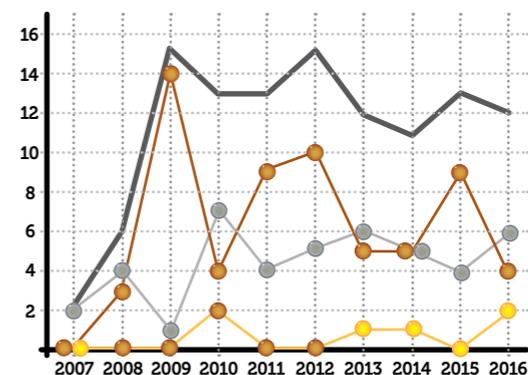
Conquistas dos últimos 10 anos (2007–2016) nas principais Olimpíadas Acadêmicas.

Média de **11,3** medalhas/ano nas principais Olimpíadas Acadêmicas.

Por disciplina:



Por ano:



Outras grandes conquistas que marcaram a década (2007–2016):

- 2008 – Olimpíada Brasileira de Oceanografia
1 Ouro, 1 Bronze
- 2009 – Olimpíada Brasileira de Robótica
7 Pratas, 15 Bronzes
- 2010 – Olimpíada de Matemática Rioplatense (Argentina)
1 Prata
- 2011 a 2014 – Olimpíadas Nacionais de História
4 Ouros, 4 Pratas, 5 Bronzes
- 2016
Canguru de Matemática Brasil
7 Ouros, 47 Pratas, 59 Bronzes
Torneio Virtual de Química
2 Bronzes

A melodia domada

Houve um tempo em que a Música não se dobrava a botões de volume e pausas caprichosas. Por trás de cada nota, havia mãos habilidosas ou vozes cristalinas. Naquela época, as manchas no pentagrama não eram feitas para a melodia encontrar seu caminho em meio a fiações e circuitos fechados até chegar aos alto-falantes e ouvidos distraídos. Provável motivo para quão opaca a música erudita soa em fones de ouvido.

A arte é uma fronteira. Como um muro fortificado, aparta o silêncio interior da balbúrdia do mundo. A portabilidade da Música, em contrapartida, derrubou os tijolos um a um. Se antes a Música exigia a construção

do momento, mesmo que por meio da simplicidade de um fechar de olhos antes das mãos pousarem sobre as teclas ou um suspiro quando a nota ressoa alta, clara e certa, agora ela se torna mera trilha sonora para a rotina. Quando se despiu da majestade das salas de concerto, da perfeição que existia na possibilidade da falha e da fidelidade dos ouvintes, a Música reduziu-se a uma singela sombra de seus antigos significados, para reconstruí-los de acordo com valores contemporâneos, nos moldes do consumo e da significância tênue.

O tempo se faz sentir em tudo o que não retorna. Sua irreversibilidade, contudo, jamais será mais apuradamente ilustrada do que o foi na Música. A cor que embalava cada nota não retornava, pertencia exclusivamente a um compasso que não se repetiria até o concerto seguinte, quando nenhum dos musicistas seria o mesmo, tampouco a plateia. Então, chega a era do *replay*, marcada pelo desespero de repetir sensações.

Diante da perda dessa singular efemeridade eterna, que fazia com que a Música atravessasse séculos em três minutos, surgem dois caminhos: o perecer ou a adaptação. Como uma das espécies de Darwin, a Música se ajusta a seu novo ambiente. Aprende a lidar com a perfeição tecnológica que o presente trouxe com seus afinadores infalíveis e *softwares* de edição. Negligência a magia da humanidade nas mãos por trás das cordas, enquanto a tenta reencontrar em tons que instrumento algum poderia emitir. De densas letras e incontáveis gêneros, nasce a música atual, feita sob medida para rotinas, ouvidos distraídos e pausas caprichosas. Por fim, domada, a Música volta ao picadeiro da indústria cultural, mediadora entre a sociedade e a arte.



Clara Zioli da Igreja
é aluna da 2ª série
do Ensino Médio.

“Se antes a Música exigia a construção do momento, agora ela se torna trilha sonora para a rotina.”

Liberdade produtiva

No século XX, a indústria fonográfica, em seu auge, controlava o cenário musical, definindo e filtrando o que seria produzido. Para serem conhecidos, os artistas estavam acorrentados aos padrões impostos pelas gravadoras, que obedeciam à cultura de massa, e, como consequência, tinham o processo criativo limitado. Esse cenário foi transformado significativamente na virada do século, com a facilitação da produção musical, o que tornava uma obra publicável, independentemente de quem a ouviria. Assim, nota-se a relevância do desenvolvimento dos meios de integração social, bem como de recursos musicais modernos, na liberdade de divulgação da música e em sua diversificação, conforme o desejo do compositor.

Fator essencial à gênese da música contemporânea foi a criação de aplicativos e *sites* capazes não somente de imitar sons de instrumentos já conhecidos, mas de criar novos sons e proporcionar ao usuário a possibilidade de combiná-los ritmicamente, para depois compartilhar em *sites* de *streaming*. O principal representante dessas plataformas de divulgação, o SoundCloud, recebe cerca de 12 horas de áudio por minuto; entre os muitos *softwares* de elaboração, são três os que se destacam: Fruity Loops, GarageBand e Ableton Live. Com eles, é possível para o artista criar uma linha de produção sem a necessidade de um estúdio ou gravadora para, finalmente, ter sua obra exposta – trabalho árduo e desmotivador para potenciais compositores, os quais adquiriram seu próprio espaço na música em decorrência desses aplicativos.

Além disso, a constante e crescente interação entre artistas ao redor do globo ajudou a formar comunidades musicais muito distintas entre si, processo que resulta na desconstrução dos gêneros. Hoje em dia, praticamente não se fala mais em “ir a um show de

rock” de maneira genérica, visto que os grupos musicais se distinguem indefinidamente e se afastam do que originalmente poderia ser caracterizado como *rock*. A criação de inúmeros subgêneros, tais como metal industrial, psicodélico, *black metal* e *math rock*, torna-se reflexo de um processo de fusão de estilos musicais anteriores que se adaptam aos novos tempos.

Impedidos previamente pela indústria, os artistas hoje desfrutam de liberdade para divulgar suas obras. Quando acompanhada das inovações do século XXI, tal liberdade se traduz em uma infinidade de combinações expressivas e harmoniosas de sons, que, além de representar a história da banda e de um agrupamento social, demarcam a individualidade construtiva no mundo da Música.



Diogo da Invenção, Paulo Vitor Scholze, Arthur Andreis e Giovanna Bonassa
são alunos da 3ª série do Ensino Médio.

“Impedidos previamente pela indústria, os artistas hoje desfrutam de liberdade para criar e divulgar suas obras.”

A nova cara do Conde

Grafite recupera a identidade e o senso de comunidade de uma escola.

Quem olhasse pelo lado de fora, para o alto muro verde, não seria capaz de notar.

Mas o que a professora Daiane Moraes viu no início do ano, ao assumir a direção pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Conde Luiz Eduardo Matarazzo, logo ali a 200 metros do Sabin, foi um desastre. “A escola estava judiada, coberta de pichação nas paredes, o banheiro depredado, a pia quebrada, sem água, sem descarga. O mau cheiro tomava conta”, lembra a diretora.

Como costuma ser, a depredação física era sintoma de algo mais profundo. A nova equipe gestora organizou assembleias com alunos, pais e professores e descobriu que a relação com a comunidade estava desgastada: “Os alunos não haviam se apropriado da escola, não sentiam orgulho do lugar. Os pais chegavam combativos, era tudo no grito, e a escola respondia sem apaziguar”, diz Daiane. Para mudar aquele cenário, era preciso trazer todos para o mesmo time. E a primeira providência foi dar uma cara nova à escola, mais afinada com as pessoas que ali estavam.

Com o apoio do Sabin, que já promoveu ações semelhantes em outras escolas públicas da região, Daiane chamou o grafiteiro Izu – nome artístico de Ivo Ferreira, 37 anos – para pintar as paredes e o muro do Conde, como é conhecida a escola. No lugar das pichações anteriores – nomes, palavões e rabiscos à caneta –, desenhos dos alunos, que Izu reproduziu com guache ou giz de cera e finalizou com tinta *spray*. No processo, passou ensinamentos técnicos e estéticos para as crianças. “Se, de mil alunos, cinco ou dez saírem artistas, com a mente mais aberta, é uma vitória”, diz Izu, para quem o grafite já propiciou boas oportunidades (em 2015, assinou uma das ilustrações da linha Urbano de desodorantes da Natura).

A sensibilidade do grafiteiro, ele próprio morador de uma comunidade pobre no Butantã, a São Remo, foi determinante: “Nós tínhamos pensado em pedir desenhos temáticos para os alunos, como contos de fadas, por exemplo; foi Izu quem falou para os deixarmos livres”, diz Daiane. Se a ideia era que eles se identificassem com a escola, fazia todo o sentido.

Aos poucos, o clima começou a desanuviar. Na hora da saída, Daiane via crianças puxando os pais pelas mãos para dentro da escola, para mostrar, orgulhosas, seus desenhos nas paredes. Mas não ficou só nisso; a ação simbolizou o início da reaproximação do Conde com a comunidade. Desde então, a escola tem aberto suas portas aos sábados para eventos de festa e socialização com as famílias, como a Hamburgada do Bem, em maio; o 1º Festival de Mancala do Conde, em junho (Mancala é um tipo de jogo de tabuleiro de origem africana); e a Festa Junina, em julho, que arrecadou dinheiro para reformas necessárias, incluindo a construção de um parque infantil, uma das principais demandas das crianças.



EMEF Conde Luiz Eduardo Matarazzo, ao lado do Sabin: revitalização dos muros e do espírito.